

HOMEM E HABITAT NO ANTIGO EGITO

Prof. Margaret M. Bakos - PUC/RS.

Introdução

Agradeço Neyde Theml, a André Chevitarese e a Norma Musco Mendes pelo convite para o ciclo de debates: “O Homem e a Natureza na Antigüidade”. Essa promoção, do Departamento de História da Universidade Federal do Rio de Janeiro, onde me sinto em “casa”, motivou a presente pesquisa sobre o homem e habitat no Antigo Egito.

A preocupação com essa temática já é expressa por Sófocles, no famoso coro da *Antígona*. Ele dizia que nada inspira mais temor que atividades humanas propositadas que violentam a natureza por conturbarem o que, na ausência dos mortais, seria a eterna quietude do ser para sempre que descansa ou oscila dentro de si mesmo.

O que inspirou Sófocles a fazer semelhante observação? A reflexão de Eduard Meyer sobre a força da tradição na antigüidade auxilia a responder. Em seu livro “*El historiador y la historia antigua*”, Meyer reflete sobre a diferença fundamental entre as velhas civilizações (mesopotâmica e egípcia) e as civilizações de Israel, grega e as contemporâneas. Ele concluiu que, nas primeiras, não havia a consciência da individualidade. Conforme suas palavras, o homem, ali, pensa e atua como um exemplar de sua espécie, não como um ser com existência própria e distinto do resto do mundo; guia-o sempre a tradição, ainda quando sua ação tenda a alterá-la. (Meyer, 1955:178)

Essa reflexão adequa-se à ação, no Egito Antigo, da espécie humana, que passava grande parte da sua existência ao ar livre, em contato direto com a natureza. Contemplar a jornada diária do sol, de leste a oeste, ou o movimento das águas do Nilo, da nascente ao Delta, era parte da rotina de todos: dos felahs ao Faraós. Os egípcios se sentiam “enterrados” quando se encontravam em algum país onde não pudessem dominar, com o olhar, uma planície e ver o percurso completo do sol. Os animais que acompanhavam esses movimentos repetitivos, manifestando reações invariáveis, eram deificados, como os macacos, por gritarem ao raiar do sol. Animais que obviamente escapavam à normalidade do panorama também eram adorados, como o falcão, que se desloca no

ar, sem outra força aparente que o sol; o chagal, que ultrapassa o deserto, como um espectro; o crocodilo, que se confunde com uma simples protuberância, nos pântanos, e o touro que tem as sementes da procriação. Um eclipse solar era um episódio assustador, significando que o astro fora engolido pela serpente, animal peçonhento do deserto.

Os Egípcios antigos enxergavam uma verdadeira cumplicidade no ecossistema, por conta da qual se orquestravam com perfeição as ações dos homens, dos animais e do meio físico. A partir dessa premissa, estabelecia-se um raciocínio simples: os deuses criaram o cosmo e os seres humanos, animais, minerais e vegetais. A partir de então, cabia a cada exemplar, de cada uma das espécies, reproduzir o gesto criador. Para que nada se perdesse, por esquecimento ou por má fé, havia os registros.

Através da tradição oral e da escrita, o egípcio cultivava a memória. Diferentemente da nossa consciência histórica, filosófica ou moral, a memória do egípcio se via de registro para o cumprimento de tarefas rotineiras. Essa repetição nunca significou imutabilidade na adoção, por exemplo, de técnicas novas de trabalho. Ao contrário, os egípcios mudavam os meios de fazer alguma coisa, jamais as finalidades. Se os deuses criaram o mundo e os seres para um convívio comum, também tornaram a harmonia entre eles seu objetivo maior. Essa era a síntese da memória prezada e transmitida.

Para entender tal relacionamento, que é estrutural e que se processa simultaneamente em todos os níveis da sociedade, é preciso primeiramente resgatar alguns aspectos fundamentais da cosmovisão dos antigos egípcios. É importante notar que eles não distinguiam claramente as diferenças entre matéria e espírito. Embora seja impossível isolar essas categorias, é fundamental resgatar o relacionamento deles com o habitat, o que possibilita responder como eles ordenaram seu pensamento para usufruir do espaço geofísico, sem violentá-lo.

As relações dos Egípcios antigos com a natureza resultaram da cosmovisão mítica. A escrita hieroglífica, sem dúvida a mais bela até hoje inventada, e as fontes resgatadas pela arqueologia reconstituíram o ideário que faziam sobre o seu contexto: sua criação, sua temporalidade e sua espacialidade.

I - Uma cosmogonia

O pensamento mítico foi, na opinião de Kemp, a solução que os egípcios encontraram para escapar do terrível sentimento de conhecer

alguma coisa, embora sem achar um caminho para descrevê-la em sua totalidade. Nós estaríamos subestimando a manifestação dos intelectuais da antigüidade sobre a sua realidade, se tomássemos o mito apenas como um conjunto de imagens curiosas e fragmentos de contos que não fazem sentido. Ao contrário, é preciso valorizar os escritos e a linguagem simbólica dos tempos deles. Eles fazem parte do pensamento básico universal. (Kemp, 1991:200) Mercer diz que para os antigos egípcios os mitos eram sua ciência: eles os consideravam reais, não símbolos. (Mercer, 1957:xvi)

Todos os objetos eram vistos pelos egípcios antigos como personalizados e sexualizados e grande parte deles podia ser deificado. (Mercer, 1957:69) Embora, na atualidade, seja difícil a compreensão do problema, ela é fundamental para todos que têm a pretensão de reconstruir as antigas bases do pensamento humano.

Para os antigos egípcios o mundo estava cheio de deuses. Sem dúvida, para eles nada era inanimado, havia uma alma em cada coisa. Havia deus-céu, deus-terra, deus-água; animais estranhos eram deuses maus ou demônios. Todos eram forças sobrenaturais, importantes para o homem. Tanto como entre os homens, também entre os deuses havia relacionamentos, sociedades de deuses, famílias de deuses, tríades, ogdôdes, enéades, pois, como uma regra, esses deuses apareciam em forma humana, ou algumas vezes também em forma animal e até forma composta. Mesmo quando representados na forma humana, os deuses nunca perdiam completamente suas primitivas características de animal, líquido, mineral ou vegetal; e como tais inspiravam nos egípcios um imorredouro temor religioso. Assim, através dos tempos, eles eram objeto de respeito e até de veneração. Isto era válido tanto para pequenos objetos inanimados como para as enchentes do Nilo, que eram denominadas como membros de Osíris; o ar, denominado de membro de Amun; e o incenso significando o odor divino.

Os antigos egípcios reconheciam, pensavam e tratavam todos os objetos cósmicos como deuses ou deusas; o sol era adorado como Re, a lua como Thot, o céu como Nut e a terra como Geb. Eles viam deuses em árvores e fontes, pedras e montanhas, pássaros e feras, ar e chuva, nuvens e tempestades, trovões e relâmpagos, fertilidade e nascimento, divindades que possuíam estranhos poderes dos quais eles não eram os senhores. O Faraó, ao morrer, tornava-se um deus; mesmo dinastia, encontra-se pela primeira vez a identificação de ilimitável, embora se

pensasse que os deuses nasciam e morriam e que um deus, ao final de sua carreira mundana, tornava-se uma estrela. (MERCER, 1957:40)

Entre 3500 e 2250 a.C., formaram-se pelo menos três teorias sobre a criação; Heliópolis, Hermópolis e Mênfis. A mais antiga, desenvolvida em Heliópolis, tornou-se a mais popular de todas. Segundo ela, “no começo” não existia nada, somente Num, o oceano primordial, no qual surgiu uma montanha e, nela, o deus Atum, o completo e auto criado. Do seu sêmen ele criou o deus Shu, a atmosfera, e para ele uma mulher, a deusa Tefnut, a umidade. Este casal deu à luz Geb, a terra, e Nut, o céu, que tornaram-se pais de Osiris, e sua mulher Isis, e de Seth, e sua mulher, Neftis. Atum e seus nove descendentes formaram a Grande Enéade de Heliópolis.

Segundo essa teoria, Num englobava um universo duplo: o alto e o baixo ou o mundo superior e o mundo subterrâneo, este na escuridão. Sobre o mundo superior, estava Nut, o céu; no inferior, sua antípoda Naunet. O sol transitava de um mundo para outro, ao longo do dia e da noite, de leste a oeste, em um barco. A terra, no mundo superior, era personificada pelo deus Geb; o subterrâneo era conhecido como Duat.

O foco do conflito no mito eram os dois irmãos Osíris e Seth. Seth tinha inveja de todas as boas criações de Osíris, relacionadas basicamente com a produção agrícola. Ele então assassinou o irmão e desmembrou o seu corpo, espalhando as diversas partes pelo Egito. Entretanto, sua irmã e esposa de Osíris, Isis, conseguiu reunir os pedaços, realizar a primeira mumificação da História Egípcia, reconstituindo o corpo do marido e dele concebendo um filho – Horus. Em uma variedade de episódios, Horus cresceu, lutou com o seu tio e, mesmo perdendo um olho, terminou por vencer e foi escolhido por um tribunal de deuses para governar o Egito.

Esse mito, que pode ser entendido sob dois aspectos, é fundamental para o presente trabalho. De um lado, a luta entre Osíris e Seth poderia representar um conflito na natureza – entre o fértil vale do Nilo (kemet, a terra preta), e o deserto (Dasheret, a terra vermelha), ou destruidora (Seth). De outro lado, a luta poderia representar um conflito entre os dois herdeiros para sucessão de Osíris, simbolizando a luta entre os reis do norte e do sul pelo controle do Egito. Ainda, o mito poderia estar resolvendo a questão da legitimidade de sucessão do filho ou do irmão do rei morto. (LESKO, 1992:92)

Vitorioso, Horus passou a representar o rei vivo e a ser identificada com o Falcão, que significava o céu. O olho saudável de Horus era o

sol; o olho ferido, pelo tio, na luta pelo poder, a lua. Com esse amálgama de elementos da natureza, o Falcão tornou-se o maior símbolo da realeza. Horus possuía o MAAT, personificada por uma deusa que segurava uma pena, fundamentalmente significando a verdade, o equilíbrio e a justiça, qualidades constitutivas de um Faraó: o deus vivo.

Dessa forma, o passado para o egípcio tinha seu núcleo mais importante na criação cósmica; os deuses que deram ordem ao caos inicial e indicaram, a seguir, um deus vivo, possuidor do Maat, para governar esse mundo. Aos egípcios cabia executar continuamente uma rotina de trabalho e de rituais nesse espaço privilegiado.

2 - A noção de temporalidade

Os egípcios antigos marcavam o seu tempo de vida a partir do início do reinado dos Faraós. Quando era importante referir o momento de um acontecimento, eles invariavelmente situavam o fato no ano X do Faraó Y. Por isso, a morte de um Faraó gerava pânico no Egito: era o final da vida que deveria imediatamente recomeçar, com um novo Faraó. O período entre o ritual de osirificação de um Faraó, sua mumificação e preparação para assumir as funções de governante do mundo subterrâneo, e a entronização de um novo, para o papel de Horus, era de luto e aterrorizante. O conhecido provérbio: “O rei morreu, viva o rei” bem pode ter sua origem, do anseio popular, nesse período histórico.

É preciso, como diz Phillippe Ariés, “inscrever sobre a pedra inalterável, sobre o papiro ou sobre as tabuletas que este Ramsés, neste ano do seu reinado, e não noutra, atravessou este mar, esmagou este inimigo, capturou estes prisioneiros. E estes grandes feitos deverão ser sempre conhecidos e celebrados.” (ARIÉS, 1989:91) Pela palavra garantia-se a repetição do mito, do acontecimento extraordinário, porque, ocorrido uma vez só, cairia no esquecimento e também porque sua memória garantiria a fama do faraó e do império. Os egípcios antigos eram indiferentes a episódios estranhos aos seus mitos e, se eram forçados a admiti-los, apressavam-se a incorporá-los logo a seu repertório lendário. O mundo egípcio viveu por muito tempo à margem da história, porque seu pensamento era mítico e atemporal.

As ações do Faraó eram sempre as ideais, segundo a tradição mítica, nem o seu corpo podia mostrar alterações com as mudanças climáticas. Conforme palavras de um hino do Reino Médio, acreditava-se que o Faraó era um refrigério durante o Chemu, estação mais quente do ano

e um recanto aquecido pelo sol durante o Perit, a estação mais fria. (MONTET, 1989: p. 41) Entre os principais atributos do Faraó estavam a sua língua – Hu –, expressão da autoridade, e o coração – Sia –, sabedoria.

Mumificava-se o rei morto para conservá-lo, pois dele dependia o comando do mais importante acontecimento cíclico do Egito – a enchente do Nilo. Acreditava-se que uma estrela especial participava, juntamente com o Faraó morto, desse fato: a estrela Sothis, cujo parentesco com Osíris era complexo, pois era simultaneamente sua irmã, sua mãe e sua filha. Sothis era importante sinaleira para o início das cheias. Exatamente na época em que o Nilo começava a ter suas águas engrossadas na nascente, os egípcios observaram o fenômeno do reaparecimento da estrela SIRIUS, chamada pelos egípcios de SOPDIT, desaparecida há algum tempo do firmamento. Quando ela finalmente ressurgia por um instante na margem leste, logo antes do nascer do sol, tinha início o fenômeno da inundação do Nilo, que se forma do Nilo Azul e Branco, tendo como principal característica a inundação anual, causada pelas chuvas na África central, misturando neve e chuvas das terras altas da Etiópia, tornando-se, para os Egípcios, um deus benéfico.

Os egípcios, que atribuíam a enchente às lágrimas da deusa Isis, passaram a considerar a estrela Sótis como uma manifestação da deusa, tornando-a padroeira dos anos agrícolas novos. Essa ligação entre o início da enchente e a estrela é bem antiga, datando da III Dinastia, mas foi definitivamente registrada no calendário que Ramsés III, no Novo Império, gravado numa parede externa de templo, em Medinte Habu.

Assim, o primeiro dia do ano coincidia com o primeiro dia do primeiro mês da inundação. O ano oficial agrícola começava no dia do nascer helíaco de Sothis e durava 365 dias, porque os egípcios tinham observado que o mesmo repetia após esse período; acrescentaram, portanto, cinco dias suplementares ao ano de 360 dias, para totalizar o número de 365.

Três divisões, com a duração de quatro meses cada, marcavam o calendário de trabalho egípcio: akhet, inundação; peret, semeadura e colheita; shemu, seca.

No final de maio, observava-se o mais baixo nível do rio. Durante o mês de junho, o Nilo, entre o Cairo e Aswan, começava a subir. Uma quantidade de “água verde” aparecia nesse período, em função da quantidade de micro-organismos que caíam em putrefação e desapareciam. As águas atingiam o Egito por volta de agosto e levavam a inundação ao

seu mais alto nível. Durante agosto, as águas do rio subiam rapidamente e adquiriam uma cor marrom-avermelhada, de lama. Tal colorido devia-se à presença da rica terra vermelha trazida para o Nilo, pelo Nilo Azul, e Atbara, ambos nascendo nos altos platôs das montanhas, na Etiópia. O quentíssimo verão da África central provocava chuvas torrenciais que aumentavam extraordinariamente o volume de água desses tributários, causando a precipitação em direção ao Mediterrâneo, ao aluvião composto de sedimentos, ricos em minerais. Até o final de setembro, as águas continuavam a subir, permanecendo depois estacionárias por duas ou três semanas. Em outubro, após ligeira elevação, as águas começavam a baixar e, em maio, estavam novamente no seu mais baixo nível.

Até anos recentes, quando a enchente começou a ser controlada, mesmo durante o período de inundação, pela represa de Sudd el-Ali e Aswan e as barragens em Esna, Nag Hammadi, Asyut, e o norte do Cairo, o nível de crescimento durante a inundação parece ter sido aproximadamente o mesmo que foi na antiguidade.

Os registros dos nilômetros mostravam que uma enchente de 6 metros não era suficiente e que a de 9 causava muito dano. O ideal era de 7 a 8 metros, que significava um grande alagamento. Quando as águas voltavam ao seu leito – em outubro –, a terra ficava coberta com um solo fértil adicional.

Hoje se conhece o ritmo de formação da enchente do Nilo com o transbordamento dos vários tributários do sul, devido a enchentes: o Sobat cresce por volta de 15 de abril; o Gazele e o Giraffe sobem em meados de maio; o Nilo Azul, no final de maio; e o Atbara, um pouco depois.

Na mitologia, acreditava-se que a inundação se originava nas cavernas subterrâneas situadas na região da Khnum, Anukis e Satis, tinham especial importância, porque podiam interferir na enchente.

Uma inscrição esculpida durante o período Ptolomaico, na ilha de Siheil, recordava uma “fome” que supostamente ocorreu no Egito durante o reinado de um rei identificado por alguns historiadores como Djoser da Terceira Dinastia (2600 a.C.). Em um sonho, Khnum anunciou para o rei que o fracasso da inundação devia-se a terem sido negligenciados os deuses da região das cataratas. O Rei, por decreto, restabeleceu os territórios e as oferendas aos deuses, assegurando que a enchente atingiria o nível desejado. (MONTET, 1989: .23-4)

A espécie humana curvava-se, nesse período histórico, à natureza, cujo trato devia obedecer aos rituais: temia mutilar um deus se não cor-

tasse da maneira usuária uma pedra, ou enterrasse uma semente, ou debulhasse ou cortasse espigas de forma não convencional.

O ritmo da vida egípcia era rigorosamente repetido: de fim de julho a meados de novembro, quando o Vale estava inundado, não se faziam trabalhos agrícolas, era o período para a corvéia dedicada à construção das edificações monumentais e às expedições ao Sul; era a época ideal para transportar materiais de construção e cargas muito pesadas, como estátuas monumentais, diretamente das jazidas para os Templos e cemitérios. Até 1600 a.C., o Nilo foi a principal rota de transportes, porque os egípcios não conheciam o veículo com rodas nem os cavalos. O transporte naval era tão usado que as expressões comuns “ir para o Norte” e “ir para o Sul” tinham representações de barcos como hieroglifos determinativos: ir para o norte – bote sem vela – ir para o sul – bote com vela. Isso porque o Nilo corria da foz, o nosso sul, para o delta, o nosso norte. Na concepção egípcia, o norte situava-se na foz do rio e o sul, no delta.

De meados de novembro a meados de março, era preciso construir sementeiras e manter as culturas hortícolas; de meados de março a meados de julho, ceifar e preparar a chegada de nova cheia. Semeadores e lavradores operavam ou em conjunto, ou ao contrário da rotina atual: primeiro semeavam, para em seguida lavar, cobrindo a semente com a terra e não traçando sulcos. O arado era rudimentar e servia apenas para arranhar o solo. Como empregavam vacas pequenas nesse trabalho e não bois, fica provado que o esforço exigido não era muito grande. (MONTET, 1989:115) Quando as espigas amarelavam, reaparecia o escriba real para conferir a expectativa de colheita e estabelecer a parte que caberia ao Faraó. A ceifa e a debulha representavam um trabalho de tempo integral, durante semanas. Os homens cortavam as espigas com uma foice de cabo curto e as mulheres recolhiam as espigas, que eram lançadas sobre um terreiro, em cujo solo batido entravam bois e homens. Enquanto os primeiros pisoteavam os cereais, os homens revolviam as espigas com os ancinhos, separando palha do alimento.

Ao lado desse calendário oficial ou civil, de uso sobretudo administrativo, os egípcios usavam um calendário lunar, vindo do período proto-dinástico, no qual foram fixadas as grandes festas religiosas. Como se percebe, o sol e a lua eram deificados.

O sol (RE) era o mais importante dos deuses, senhor de Heliópolis e unido com Atum, o deus mais antigo. Somente o oceano primordial

era considerado mais velho que Re. Ele criou os outros deuses, a humanidade, a terra, as bestas e as plantas. Normalmente, ele era representado como um falcão, mas também podia ter a seguinte representação: Re na manhã; Horus ao meio dia, e Atum ao anoitecer.

Um antigo mito conta como Re ordenou que Thot ficasse em seu lugar, no céu, à noite, como seu representante, enquanto ele estava no mundo subterrâneo.

Então a lua, como Thot, começou a ser usada pelos camponeses para observar seus meses, começando um novo mês a cada lua nova. Eles fizeram um ano com 12 luas novas e mais um mês extra para coincidir com as estações. A festa da Lua Nova era uma das mais importantes no antigo Egito.

Havia três categorias de dias: bons, ameaçadores e hostis, o que correspondia aos deuses na terra. Por exemplo, ao fim do terceiro mês de inundação, Horus e Seth interrompiam sua luta terrível: Horus (coroa branca) tornava-se o senhor de todo o Egito e Seth, do deserto (coroa vermelha). O dia do nascimento de Seth, por exemplo, era um dia nefasto; os Faraós ficavam todo o dia sem ocupar-se de nenhum negócio, só cuidando de si. Nesses dias todos os egípcios observavam uma série de rituais e podia ser proibido desde banhar-se, até comer peixe ou o que vinha da água, matar cabra, boi ou pato.

As estrelas eram consideradas como seres divinos, filhas do deus terra e da deusa céu, que as devorava de manhã para pari-las novamente à noite. Elas acompanhavam o deus ar, Shu. É interessante notar que a palavra referente à hora contém três, sugerindo sua importância na medida do tempo. Os antigos egípcios dividiam o dia e a noite em 12 horas cada e as horas em unidades menores, instantes, que não correspondiam a nenhum tempo definido. As horas tinham nomes: Brilhante, primeira hora do dia; Erguida, a sexta; “Rá reúne-se à vida” etc. A hora dos dias eram iguais no inverno e no verão, mesmo que representassem realidades diferentes.

Os trabalhadores descansavam dois dias em uma jornada de trabalho de dez, tinham muitas atividades religiosas e faltavam ao trabalho por causas várias, entre as quais o excesso de bebida.

O tempo era, em última instância, determinado pelo Faraó e por diversos elementos da natureza: o sol, a lua, as estrelas, entre as quais, especialmente, Sothis e a Estrela de Manhã. Nesse controle do tempo, era fundamental a participação do homem, através da execução das fai-

nas e rituais, bem como a participação dos animais, no seu monótono relacionamento vital. Essa orquestra de movimentos regia o tempo – o tempo não os controlava. (MERCER, 1957:74)

3 – A noção de espacialidade

Os egípcios tinham um grande senso de simetria e de equilíbrio na arte, onde fidelidade de proporções e contrabalanço de elementos eram usados para assegurar um equilíbrio harmonioso. (MERCER, 1957:16) Sem dúvida, essas noções reproduziam a sua visão do mundo. Isso também transparece na literatura, onde fica assegurada a existência do de cima, uma consorte para cada deus e finalmente o equilíbrio de coisas incompatíveis.

O egípcios desenvolveram um grande interesse no entendimento do seu universo – como uma balança de duas forças diferentes – uma em direção à ordem e outra em direção ao caos. O mito de Horus e Seth foi uma tentativa figurativa de capturar, em uma forma lógica, expressa por palavras e imagens, a sensação intelectual de que isso era uma grande verdade escondida.

De maneira concreta o Egito constituía um espaço constantemente ameaçado; pois seu vale estava prensado entre desertos hostis: construir cidades significava impor a ordem ao caos. Ao conjunto inconstituído e hostil do Nun e das sombras se opõe o mundo da luz e da ordem, onde o Egito tinha um lugar excepcional, pois era o país dos homens por excelência. Os egípcios nunca reivindicaram um termo especial para designar o seu próprio país, contentando-se com a designação de Kmt – a terra preta. Essa posição, em aparência modesta, correspondia na realidade a uma pretensão exclusivista, cujo princípio era a instituição faraônica, que permitia ao Egito existir no coração do “universo” confuso.

Assim, sobre o espaço destacavam-se duas palavras: “kmt”, terra negra, espaço vital, e “dashret”, deserto, lugar terrível, de morte e de animais perigosos. A transição dos campos cultiváveis para o deserto, no Egito, era abrupta, repentina. Visivelmente, a civilização terminava em uma linha demarcada. A terra fértil consistia de duas faixas, de 10 a 20 km de largura, que se estendiam por cerca de 900 km, desde a primeira catarata até o Delta, no Mediterrâneo. A foz do rio era no sul, para eles o ponto principal. As águas corriam em direção ao Mediterrâneo. A corrente era de sul para o Norte (Mediterrâneo); para baixo só com o vento ou remando. A extensão total do Nilo era de 6500 km.

Na visão de Badawy, parece que o Nilo planejou manter a vida nas planícies que criou, proporcionando enchentes anuais, em datas fixas, inundando terras baixas durante os três meses de julho a setembro. As águas retrocediam de outubro a dezembro, quando era possível semear na terra fértil, colhendo entre março e abril.

Como os egípcios explicavam esse espaço vital?

Eles se julgavam privilegiados. Apenas o seu espaço de ordem e de vida fora criado a partir do caos primordial.

Supunham que a grande fonte do Nilo era o oceano primordial Nun, especialmente ao sul do Egito, na região da primeira catarata. O Nilo era a principal característica geofísica do Egito, personificado e deificado sob a forma de um homem gordo com seios pendentes, simbolizando fertilidade. Osíris também era identificado com o Nilo. O país não era chuvoso essencialmente, mas o grande Nilo com suas cinco cataratas oferecia a água necessária para a vida e cultivo.

De onde veio o homem e como ele veio não parece ter preocupado muito aos egípcios, bem como o que tange o futuro do homem comum.

Os egípcios usavam as palavras “humanos” e “homens” para si e para distinção dos estrangeiros. Eles diziam que deus criara o Nilo no céu – a chuva – para os povos estrangeiros e as bestas das terras altas, e que o Nilo fora trazido ao mundo apenas para o povo do Egito (Franckfort, 1958:56). Os deuses criadores do Egito, centro do universo, eram Atum, Ptah e Khnum.

Consoante o mito de Heliópolis, anteriormente citado, que priorizava a ação criadora de Ptah, a palavra para o céu era nut, personificada pela deusa Nut que, como a terra, possuía quatro regiões: leste, oeste, norte e sul. Mormente representada por um mulher, Nut podia aparecer também na forma de vaca, com a barriga estrelada, erguida pelo deus da atmosfera Shu. Ela era a grande protetora do homem, oferecendo-lhe pão e bebida e vestindo os seus filhos. A entrada para o céu era pelo lado leste, onde havia duas grandes portas. Os antigos egípcios viam no céu um ambiente semelhante ao da terra, com mares, ilhas, répteis, pássaros, árvores e humanos. A idéia mais simples de céu era representada por um placa de metal que cobria o mundo como um telhado achatado de onde pendiam estrelas. Uma representação de casa da Primeira Dinastia mostrava um teto abaulado, como a representação de uma vaca ou de uma mulher. O céu era imóvel, enquanto a terra tinha movimentos.

No antigo Egito, a terra era configurada como uma extensão chata, sob a qual estava o grande abismo primordial, apresentando dois contra-

tes geofísicos fundamentais: o primeiro era entre o deserto e a terra fértil; o segundo, entre Alto e Baixo Egito. A terra era Geb, masculino, considerado o marido da deusa-céu, Nut, que dera à luz o deus sol Re, e a lua, Iah. As portas da terra, através das quais o sol passava todas as manhãs e noites, eram personificadas por uma esfinge dupla. O espaço que separava a terra do céu era conhecido como Shu e sua consorte Tefnut – ar e atmosfera personificados.

Administrativamente falando, o Egito estava dividido em Nomos. Os nomos eram grandes extensões de terras, onde se fundavam cidades (niwts) e aldeias (demis). Inicialmente eram em número de quatorze. Nessas circunscrições, escribas e outros funcionários reais estabeleciam um organizado controle sobre a produção agrícola e artesanal da região. Segundo o Papiro de Wilbour, de 1143 a.C., “a água e o vento” informavam ao Faraó o que os seus representantes faziam nos nomos.

Representados sobre a terra pelo Faraó, os deuses presidiam a ordem cósmica, exprimida pela verdade – MAAT – justiça, tendo cada nomo, cada cidade, o seu Deus protetor.

A personificação e a deificação desses elementos, próprias do pensamento mitológico, reforçavam a expectativa de seriedade esperada dos funcionários reais. Tal como os elementos cósmicos deificados identificavam-se com os interesses do Faraó e do governo central, tais serviços, comparsas humanos da cosmogonia, deviam fiel e metodicamente informá-lo sobre o que se passava nas periferias do seu reino. Não agir assim poderia ter, na cosmovisão egípcia, um resultado tão caótico quanto causaria ao Egito uma tempestade de vento ou o Nilo fluir no sentido contrário ao da corrente.

Cerca de 1/3 da terra no Egito era arável. A extensão de terra habitável era de apenas 40.000 km, metade localizada no Delta. A porção de terra que cabia a cada família era calculada em uma medida, conhecida como 5 arouras, o que equivalia a aproximadamente 1,25 hec. Pela sua escassez, a terra tornou-se um bem de transmissão hereditária, adquirindo importância crescente política e socialmente.

No ato de escolher um local e construir suas moradias, os egípcios julgavam reproduzir a ação dos Deuses, impondo ordem no espaço caótico. Eles escolhiam um local suficientemente próximo ao Nilo para facilitar o abastecimento de água, mas longe o bastante para não sofrer com a inundação anual. Como Heródoto observou, todo o país, durante a cheia do Nilo, era coberto e submerso pela água, exceto as habita es, construídas sobre a altura natural ou dique, seja em importante cidade ou

em vila que, de longe, assumia o aspecto de uma ilha. Bem na fronteira, entre o deserto e a terra fértil, a casa, tal como a colina primordial, sobressaindo do caos, assinalava, altaneira, a criação de um espaço ordenado para reprodução da vida. Representava a insurgência do homem contra o deserto e a morte.

Casamento, para os egípcios, significava estabelecer uma moradia para o casal. As casas eram construídas sempre nos mesmos locais, geração após geração, sobre as ruínas das anteriores, o que tornava os terrenos sempre mais altos. A morada ideal do egípcio antigo deveria ter água nas proximidades, luz, sombra e vegetação. (JAMES, 1979:64) Os casais criavam um microcosmo para reproduzir a sua espécie, como os deuses criaram o mundo para reinar.

Considerações finais

Segundo a cosmovisão egípcia, os deuses estabeleceram conflitos e solução, quando criaram o mundo, legando à espécie humana a obrigatoriedade de conviver com essa realidade. O aproveitamento do vale fertilizado pelo aluvião do Nilo, através do trabalho braçal do homem, simbolizava a luta entre Osíris e Seth, com a vitória do primeiro, através de seu filho Horus. O ser humano também contribuiu para a vitória da terra negra, deificando e adorando as forças da natureza, através de rezas e oferendas quotidianas. Qualquer egípcio, ao recusar corvéia, voltar-se-ia contra os deuses, agredindo-os pessoal e diretamente. Quem se atreveria? Certamente algumas poucas e pretensiosas criaturas. Raros e fragmentados papiros revelam que eventualmente isso acontecia. Certamente, não a imensa maioria dos humanos, que tinham apego à vista e aos de sua espécie.

Repensando sobre tais premissas, o que se poderia concluir em relação às nossas ações diárias na atualidade? Pensamentos falaciosos da cosmovisão capitalista e conceitos seriam fatalmente desgastados, se julgados face à eternidade. Aproveitar energia natural, por exemplo, justificaria a interferência em ecossistemas e a destruição de formas de vida?

As moradias ideais dos egípcios deveriam ter água, luz, sombra e vegetação, constituindo-se em microcosmos perfeitos para os seus habitantes. Hoje, a casa já não conhece os dramas do universo. Falta a cosmicidade na maioria das moradias nas grandes cidades. (BACHELARD, 1988:45) Estamos perdendo nossas identidades, até mesmo no nosso mais íntimo refúgio!

A humanidade tem o seu cordão umbilical ainda ligado à terra, mas mudou radicalmente o seu pensamento sobre essa relação. Para o homem atual, o ser humano é individualmente todo poderoso, uma concepção diferente da dos antigos egípcios, que viviam como uma espécie e que respeitavam e temiam todas as forças da natureza. Algumas coisas, nesse sentido, ainda são inconscientemente manifestas atualmente, como a personalização de fenômenos naturais: as erupções dos vulcões, os furacões, os terremotos e os maremotos...

Essa pesquisa não propõe julgar as cosmovisões mítica ou capitalista, nem comparar épocas históricas; propõe resgatar aspectos do bom senso humano. Atualmente, estamos provocando e explorando o nosso maior cúmplice na luta pela vida: o cosmos. Convenhamos, os egípcios, nesse aspecto, agiram com mais diplomacia! Seria demasiadamente simplista atribuir seu relacionamento personificado e vigoroso com o habitat unicamente ao estágio de suas forças produtivas. É preciso sublinhar o seu conluio com a natureza e valorizar o seu temor do retorno a um mundo caótico. Em suma, é mister um pouco de humildade histórica: reaprender com os egípcios antigos a amar, respeitar e a bajular a natureza.

Bibliografia

- ARENDDT, Ana. *Entre o passado e o futuro*. São Paulo, Perspectiva, 1992.
- BACHELARD, G. *A poética do espaço*. São Paulo. Martins Fontes, 1988.
- WILSON, J.A. *Egipto*. In: FRANKFORT, H. *El pensamiento prefilosofico*, Mexico, Fondo de Cultura Económica, 1954.
- KEMP, Barry. *Ancient Egypt*, London, Routledge, 1991.
- HERODOTO. *Histórias*, Brasília, Ed.da Universidade.
- JAMES, TGH. *An introduction to Anciente Egypt*, London, BMP, 1979.
- MEYER, Eduard. *El historiador y la Historia Antigua*. Mexico, Fondo de Cultura Economica, 1955.
- WMERCER, Samuel. *Earliest Intellectual Man's. Idea of the Cosmo*, London, Luzac & Company, 1957.
- WILSON, J. *Egypt through New Kingdom. Civilization without cities*. In: "KRAELINGS, C.ADAMS, S. *City Invencible*, Chigago.